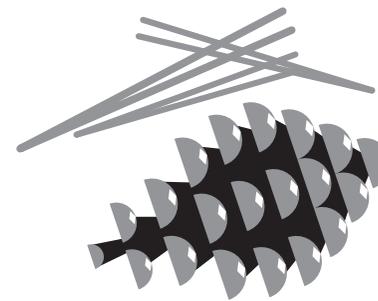


*josé ricardo nunes*  
*andar a par*



(2013-2014)

COORDENADOR DA COLECÇÃO  
PEDRO MEXIA

LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
M M X V

*Maria Beatriz,  
carne da minha carne*

© 2015, José Ricardo Nunes  
e Edições Tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A,  
1500-461 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/29/30  
E-mail: [info@tintadachina.pt](mailto:info@tintadachina.pt)  
[www.tintadachina.pt](http://www.tintadachina.pt)

Título: *Andar a Par*  
Autor: José Ricardo Nunes  
Coordenador da coleção: Pedro Mexia  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Maio de 2015

ISBN 978-989-671-263-1  
DEPÓSITO LEGAL N.º: 392274/15

1.

Fiquei de me encontrar contigo às seis no Largo de São Paulo  
para te entregar a criança.

Descer a Luciano Cordeiro até  
à Conde Redondo, continuar a descer até  
à Avenida, sempre a descer até  
ao rio, e com ele à esquerda, pela Rua do Arsenal a descer  
para o mar,  
caminhar de mão dada à criança,  
olhar nitidamente para o rio, vê-lo encher, tornar-se  
vazio, chegar enfim  
ao Largo de São Paulo e entregar-ta — o que falhou  
num plano tão sensato, tão bom, tão bem  
elaborado?

Do terraço admirava-se a cidade inteira,  
quase toda a cidade.  
À distância parecia um desenho  
imaculado em papel vegetal. Lápis n.º 2  
lhe arrematou contorno e cores  
a fizeram quase igual ao modelo  
original, encarnado para o que fosse telhado  
e perdão para o que fosse mau traçado. Fácil,  
concluía eu, que fácil  
o trajecto para o Largo de São Paulo,  
sair de casa, dar-lhe a mão, atravessar  
uma parte da cidade, que fácil  
entregar-te a criança à hora marcada  
e depois procurar assento

num dos bancos de madeira que decerto haverá por lá,  
respirar muito fundo e compassadamente.

Marquei a partida para as cinco.  
Antecipei para as cinco menos quinze.  
Memorizei o nosso itinerário, mentalmente o guardei,  
cifrei-o por dentro, bem colado à pele,  
não fosse um golpe de vento sacar-me o papel,  
na minha mão fechada a criança é que não.  
Verde, amarelo, vermelho, recitava-lhe eu, já virando  
à esquerda, virando  
à direita, seguindo a preto e branco  
pelo alcatrão e afastando-a dos estranhos,  
pois sabia que um rosto moribundo  
bastaria para lhe avivar o mundo.

Três dias antes telefonaste a combinar.  
E admoestaste por tanta precaução, tanto preparo.  
Tonto dos nervos, voltei a desenhar novos desenhos  
por cima do desenho  
de modo a ter certezas duplicadas, decuplicadas,  
dominar o corpo assaz perro,  
evitar de modo absoluto o erro.

Queria mesmo um plano bom para não haver falhas,  
conciso e preciso como aqueles que talhas.  
Demorei-me, por isso, a equilibrar secantes e tangentes  
e com detalhes que não eram urgentes.  
E só saí de casa depois das cinco e quinze. Eu,  
a criança, de mão dada à criança.  
E foi a correria que tu sabes  
ou não sabes mas devias porque é agonizante  
o coração a resvalar no peito, um verso desmedido preso  
por arames a uma pulsação, apenas uma,  
que se desencana de uma artéria  
e espalha no chão como simples matéria.

Ao dobrar a esquina da Conde Redondo,  
um golpe de vento dobrou o desenho. Mais abaixo  
o tirou, a galope e sedento  
daquele mal que atira as coisas para muito longe, onde não há  
lembrança delas. Fora afinal proveitoso  
decorar as instruções: para ta entregar  
e pôr a morrer bastava seguir a imperativa direcção azul  
em transversal ao fundo,  
não havia que enganar, não havia  
razão para tropeçar numa palavra.

A criança sentiu a gravidade  
do impacto. A bruta gravidade desuniu-me  
a bússola do corpo. Como relógios escangalhados,  
definitivamente sem arranjo, deixámo-nos ir  
na correnteza dos desempregados que afluíam  
da Rua das Pretas e por simpatia, por mero acto  
reflexo, nos enxurraram  
até ao Rossio. Daí  
até ao rio Tejo não se registou sobressalto  
digno de registo, só o salto  
em frente para a imensidão  
mas com um atraso imenso.  
Eis, em resumo, o ponto da situação:  
a criança assustada com a demora,  
eu à nora,  
tu impaciente porque já passava da hora  
e tinhas de regressar à tua morte.

É certo que alertaras com delicadeza  
para os perigos de certa beleza:  
o vaivém dos cacilheiros, pessoas  
como cordeiros e como lobos também, pessoas  
que não eram totalmente pessoas  
e outras que eram pessoas  
muitas vezes, um sol que jamais, um fim  
de tarde tão perfeito quanto o plano concebido

para te entregar a criança no prazo definido.  
Para vencer aquele enorme atraso,  
apertei-lhe mais a mão. E prometi  
que doravante nada  
mais retardaria a nossa marcha  
para o Largo de São Paulo. Onde, por sinal, já não  
esperavas por nós, onde realmente não estavas, em teu lugar só eu  
lhe dava a mão, desalinhado, em cumprimento  
do plano inapelável — por que raio me falhou?

Mas e se fosse mesmo eu  
que estivesse a ver mal, se lá estivesses, no Largo,  
mas um pouco mais ao largo, barrado  
por um toldo ou por uma camioneta, dessas de carga  
aberta? Já não ficaria a criança  
ao deus-dará. E se não te foste,  
como o patrono do Largo,  
pela rota de Samos, mas apenas em passeio  
para o lado de Santos, voltando  
depois de um bocado,  
muito aflito por me perceberes acabrunhado?  
Fácil como rima fácil, não concordas?  
Deveria, não obstante, encarar a hipótese.

Porque não perguntar por ti a alguém?  
Perguntar a alguém por alguém  
é o que a polícia logo faz após um crime,  
nenhum tão grave quanto o teu. Alguém que prometeu  
ir lá esperar a criança e se vai como um ateu  
empedernido, valendo-se de ter prevenido  
que até às seis, não depois, viram  
alguém que corresponda ao perfil?

Preferia um amolador. Aquele que, a título de exemplo,  
vinha ao bairro onde vivia o meu avô.  
Preferia gente dessa, um pouco perigosa,  
mas que recusa envenenar a alma das pessoas

com termos difíceis de pronunciar e que em lugar  
de facas nas mãos tem facas por mãos. O cauteleiro,  
a quem por azar perguntei em primeiro,  
não deu indicação de paradeiro.  
Na pastelaria resolveram ignorar-me. À porta,  
um sujeito varava os transeuntes  
com acintes. Ao chegar a minha vez encolhi-me  
para minorar o sofrimento, ri-me também, fiz coro,  
ri-me de não ter graça nenhuma, a morte,  
e vadiar por lá à tua procura quando mais valia  
chorar. Sem melhores resultados  
que uma ou outra altercação, experimentei  
ainda numa loja de ferragens e num talho,  
para só enumerar dois estabelecimentos de venda a retalho.  
Inquiri pelas mesas da esplanada.  
Em breve não restava mais ninguém  
a quem perguntar por ti.

Ainda se não fosse Inverno, o final  
do Inverno, e a ventania não  
atirasse tudo de lá  
para cá com a força própria da ventania e não  
levasse a criança pela mão  
para ta entregar, como planeado, juro  
que foi devidamente planeado,  
nessa circunstância menos adversa  
admitiria mais que uma advertência, aceitava que abalasses  
por causa de um francês menos precavido  
ou de mais um foragido das Mercês.  
Ambos sabemos como custa sofrer e a urgência que há  
em cada salvação, lá  
ou cá, sofreremos ambos dores iguais a essas  
dores. Não fosse Inverno no Largo de São Paulo  
e compreenderia que servisses a culpa em doses iguais:  
metade para mim, metade para mim.  
Não fosse a criança à espera,  
sem umbral, exposta, já tão consumada.

A criança, a criança, que será lá  
da criança se não aguardaste por ela? Vieram  
os cães abocanhá-la, levá-la, foi dividida  
como o pão que os presidiários não comem para dar aos pombos? Se lá  
não estavas e nem sequer a guardaste enquanto fui  
procurar-te pelo Largo e alarguei o cerco por ruelas  
e vielas, como hás-de saber? Achas  
que a largava da mão, que a custo não a pus  
de novo em mim, como se fosse injectável, por inteiro seu,  
como se eu fosse tu e já em tua vez  
tivesse morrido? Ainda se lá  
não fosse Inverno, quase no final, mesmo a acabar o Inverno,  
ambos no teu encaço, sem darmos um passo em falso.

Fiquei de me encontrar contigo às seis no Largo de São Paulo  
para ta entregar e algo  
correu mal ao executar o plano. Voltar atrás, porém,  
não me devolve a esperança. Restava-me  
embrulhar a criança na mortalha, pegar-lhe  
ao colo, consolá-la, que morrer  
não lhe fazia falta, procurar  
assento num dos bancos de madeira que decerto haverá por lá,  
respirar muito fundo e compassadamente.

Junho chega frio, nutre-se  
de frio. Estou na cama. Olho demoradamente  
para as fotografias que remeteram lá de Carrara  
mas neste ano absoluto a literatura já não  
domina o mês feliz com o seu frio,  
a sua definição de frio, tudo fica  
desenhado a régua e esquadro. A febre  
deixou de ser efeito secundário  
de uma dislexia do espírito, converteu-se  
no mais considerável dos sintomas. E então mudo para  
a lateral. A latejar  
com a força do passado, reclamo ao futuro  
a densidade da pedra. Avanço  
derreadíssimo, sem vontade nenhuma  
de continuar. Prossigo apenas  
porque é uma questão de honra, porque dei  
a palavra. Um toque provoca a longa fila  
de automóveis, buzinas, insultos. A alma  
transparece com surpresa fingida. É já a segunda vez  
que falo na alma, só pode ser  
coisa boa. Leva-me para dentro do mármore  
e espalha-me até perder de vista.  
Nestes cruzamentos, enquanto não muda a cor  
da luz, o homem verde não se acende,  
faço por lembrar o teu rosto, o meu, o rosto da criança.  
Colido com as imagens à deriva.  
Gastei a manhã a tentar convencer-me  
de que o trajecto seria rápido, directo, favorecido  
pelo frio fora de tempo. Agora embalo-me

nos lençóis e já não sei como se aproveitará  
a criança das minhas memórias em latente  
circulação, corpo, terra, alma  
outra vez. Depois do corte, estou  
de todo insensível, todo profundezas  
de silêncio, e resisto vigorosamente aos actos  
mais falhados que me querem pôr na boca,  
iludidos com as promessas do perdão  
a que jamais terei direito.  
Não te desprendes, apenas pretendes  
que fique para trás. Pergunto porquê  
hoje, que motivo te trouxe  
à minha presença. E nem é preciso irmos até  
Carrara, pedra de Estremoz há-de servir, homens  
içados para a superfície numa fotografia, cobertos  
pelo pó e pela continuidade, ei-los  
à porta de um edifício de escritórios.  
Numa mão o vazio da criança, na outra o vazio  
da tua mão por cima da minha mão, circulava o automóvel  
pela avenida. Ficam os detalhes  
da fotografia estampados nos lençóis que absorveram  
o suor da febre mas não a palavra  
que lhe dei. Sozinho e desabracado é que não chegarei  
ao meu destino. Mas descansa, pois sei  
que não te poderás lembrar da tua imagem,  
dorso largo, calafrios. Se quando te viravas  
não eras tu, como poderias lembrar-te?  
Talvez sejas aquele homem curvado  
que se aproxima de um grupo de mendigos  
e se põe a pedir inusitadamente um pouco  
de oxigénio, sangue, uma circulação agreste  
e próspera, o rosto em falta no papel  
que ameaça fugir-nos das mãos. Mas como se vincula  
uma alma de pedra? Na fotografia os olhos  
da criança, os meus, indubitavelmente os teus  
olhos. Inverto o sentido para não ser  
tormento. O semáforo indica que podemos

atravessar e és de novo tu, num Junho frio,  
com os mesmos olhos que eu e a criança,  
tu, ninguém, todos compactados na mochila. E bastaria  
que te lembrasses do local e da hora e te fizesses  
comigo ao caminho. O que é difícil  
para uma sombra, admito. E também aceito  
que para me distinguires no meio da multidão  
que se dirige para o outro lado, falares  
com essa voz de sombra  
por dentro da minha voz, imprescindível  
se tornaria um milagre. Porém, recuso  
deixar aqui os olhos que tanto roubaram  
para te fazerem um corpo que resista, um emaranhado  
de ossos, músculos, vasos sanguíneos  
de mármore. O sonho gera  
simpatia. Já do mármore não se pode afirmar  
o mesmo. Tu, a criança, eu, pedra  
insusceptível — alguém  
consegue descobrir as diferenças? O molde  
arremessa-nos lá para trás, um  
samente. E recomeço a percorrer a Avenida  
com essa cruz às costas, muitas  
razões de sangue na insensatez fotográfica  
de Junho, até deparar contigo à entrada, perto  
de seres a principal atracção. O recinto  
já teve noites grandes, luzes, gente, tanta  
gente. Ignoras se é lícito,  
aceitável, perderes tempo comigo, fiques  
por uma hora ou duas entretido  
com as diversões. Dei-lhe a palavra, devo  
prosseguir, mas tu, livre de compromissos,  
viras-te e não és tu, não sou eu, sequer a criança  
a pedir. A dependência bancária cheia  
e tu lá adiante, desemparelhado, eu ainda  
a palmilhar a Avenida de mão dada com ela. Quem  
desenhou estes círculos? O trânsito  
não abranda. Cobertos pelo pó, subimos

de novo à superfície. E de novo  
pergunto por ti. Que um estrangeiro,  
porventura, terá chegado de Carrara  
com notícias. Que o mármore, definitivamente,  
dura mais do que um corpo. E onde se desencontra  
da fotografia? Da alma e dos seus infinitos  
é que já não vale a pena falar.

3.

No princípio de Outubro, depois de a criança  
pegar no sono, eu voltava a subir  
o monte arenoso. Sem propósito firme, somente  
para descer, apenas para ir até  
lá abaixo atrás dos gafanhotos e tornar  
a subir, descer  
novamente, isto quando ainda não suspeitava  
de que para tudo há de facto o fim  
a que se chega invariavelmente. Logo que adormecia,  
fixava-me nos gafanhotos que davam  
saltos curtos, saltos longos,  
e escorregava nas pedras lisas que rolavam debaixo dos meus pés  
ao persegui-los. Gerava a recordação e o sabor amargo  
de um fruto adverso que não era de verdade  
um verso. Sentia o arrepio  
da água do tanque, aí havia coisas verdes a boiar, ninguém  
dentro do corpo, exactamente o que sucede agora.  
À sombra das raízes de umas oliveiras, a criança  
perdulária não sentia a força  
da renovação. Ouvira falar nas pragas  
mas não temia a capacidade destrutiva dos insectos.  
Ainda não pensava, a criança, que fosse possível  
o crescimento da criança, nem antevia que ao dormir  
o corpo se transformava em pó, que o pó  
se haveria de espalhar e que a repetição  
nada tem de glorioso, nenhum intuito  
redentor.

O rosto da criança mudará  
ao longo dos anos, em parte significativa  
o meu. Já o modela o sono eterno  
quando volto a descer numa correria  
ao seu encontro, apesar de saber que já se foi  
e que assim será para sempre. Nunca vi  
a casa em ruínas mas contaram-me  
que alguém comprou a terra e lá construiu  
uma vivenda onde finalmente chegou  
água canalizada. Despede-se dos pais, pega  
na mala atada com uns cordéis e segue  
até ao ribeiro, onde olha em frente  
com demora apropriada ao ritmo de um sonho  
que o tempo invalidou. Não sabe o que esperar  
e teme que o desconhecido a force. Outubro  
solta pó das pedras, espalha pó  
por toda a parte.

Ao acordar chama por mim. Descasca  
uma laranja e leva-me à boca  
um gomo para que me lembre.  
De seguida agarra na enxada e desata a abrir  
e a fechar os estreitos canais por onde flui  
do outro lado do seu sono a água até às árvores.  
Apoia-se num cabo que não é do mundo e calcula,  
tendo por base aquela pobre amostra, o investimento  
necessário para recompor Veneza. Ou simplesmente  
não pensa em nada, permanece pequena e simplesmente  
adormecida na estranha consonância  
que sente.

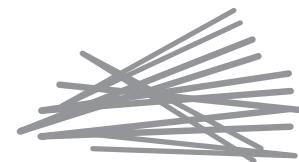
A morte também pode ser um acordar.  
Mas destes enredos não quer saber a criança.  
E depois de tanta pergunta e de tanta resposta  
inconclusiva, depois de tanta conjectura,  
também eu me desinteresse de saber  
o que vem a seguir, se a existência se reparte

em duas, como alguns apregoam, ou tudo  
intoleravelmente cabe agora, neste ínfimo e derradeiro  
instante.

Veste a camiseta azul que lhe fica larga  
e fora das calças. Sorri para uma fotografia  
que ignoro onde pára. Desamparada,  
dá por finda a rega. Olha  
em volta e tudo pronto, trabalho  
nenhum a não ser o do corpo adormecido a transformar-se  
em pó.

Mal acorda, vêm a correr lavá-la  
com uma esponja. E voltarão sempre pelo fim da tarde  
para lhe trocar a roupa, que da mudança da alma,  
de tudo o resto, ela própria tratou. Chegam  
no primeiro dia de Outubro, anoitece  
mais cedo, estende-se ao comprido a noite daí  
até agora. Mentiu  
como este verso, a criança, disse  
aos pais que partia ao meu encontro  
mas meteu-se na camioneta e nenhuma  
indicação me deu, nem horário nem destino.  
E o meu tempo hei-de perder a procurá-la  
em ruas movimentadas e em ruas desertas,  
para os lados de Torres Novas ou no Largo de São Paulo,  
em todos os lugares onde se ache  
gente, até na cratera de um extinto vulcão verei,  
sem precisão, enquanto dorme e eu,  
atrás dos gafanhotos, subo  
e volto a descer o monte  
arenoso, monotonamente o seu rosto muitas vezes  
fazer-se e desfazer-se.

Mais tarde subirei ao armazém para escolher  
o mogno e o tecido aveludado onde irá recolher  
e também as escadas tornarei a descer.



ANDAR A PAR  
de José Ricardo Nunes  
foi impresso na Rainho&Neves, Artes Gráficas,  
em papel CoralBook de 90 g,  
em Maio de 2015.

